

RESENHAS

A INVENÇÃO DE SI E DO MUNDO: UMA INTRODUÇÃO DO TEMPO E DO COLETIVO NO ESTUDO DA COGNIÇÃO

Eliane Teixeira Leite Flores¹



Kastrup sustenta com esse trabalho que o ato de pensar não deve servir apenas à resolução ou resposta obediente aos nossos problemas e defende a tese de que a primeira coisa a ser inventada é o próprio problema. Kastrup revisa conceitualmente o tema ao trabalhar, principalmente, com o pensamento de Bergson, de Latour, Deleuze e Guattari, Simondon, Maturana e Varela para desenvolver o conceito de devir criativo da cognição. Ao considerar as colocações dos pensadores, que dão consistência à ideia de uma cognição para além do reconhecimento, Kastrup afirma que a invenção é a potência que a cognição tem de diferir de si mesma, de transpor seus próprios limites.

Com Bergson, a autora estuda a cognição colocada em termos de tempo, que responde pelo movimento de invenção que subverte o conceito de conhecimento como de representação. Problematicar abre espaço para a intuição para ultrapassar os limites impotentes do que se entende como realidade. Fazer algo novo com a informação e criar novos sentidos para novas subjetividades.

Com Latour, Kastrup trata da ciência moderna com a ênfase na separação do sujeito-objeto e dos mundos natural e social, por excluir do seu discurso a natureza da sociedade, da ciência e da política. O paradoxo da modernidade está no que se furta da totalização, é o que exclui e rompe com as concepções identitárias.

¹ Cirurgiã-dentista, doutora em Educação em Ciências Bioquímicas, mestrado em Saúde Coletiva, especialização em Saúde Coletiva e em Análise Institucional. Professora do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), Lajeado, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: elianetl@terra.com.br

Virgínia aponta para o surgimento de uma espécie de nova teoria da forma com o pensamento de Simondon, ao afirmar que cognição é em sua natureza problemática, porque há sempre um resto de pré-individual que subsiste, coexistindo com a realidade individuada. A cognição é movida pela problematização e em seguida pela busca de solução de problemas.

Maturana e Varela criaram o aforismo que conhecer é viver, por entenderem que os seres vivos estão em constante processo de produção de si, em incessante engendramento de sua estrutura. Kastrup explica a cognição autopoietica dos cientistas chilenos, que combatem a ideia de que o organismo ou meio possam desempenhar o papel fundamental de evolução, porque os mesmos são resultados, efeitos de uma rede processual, constituindo-se reciprocamente e apresentando-se como fontes mútuas de perturbação.

O conceito de Rizoma de Deleuze e Guattari, no entendimento de Kastrup, sustenta a autopoiese de Maturana e Varela como ontologia criacionista. O Rizoma conecta-se ao contexto da biologia por intermédio da noção de rede autopoietica, que extrapola a da filosofia. A rede se faz e se desfaz pelas conexões vizinhas, como estrutura multidimensional e se bifurca em diversas séries heterogêneas, retomando sempre seu processo de distinção e de devir, que não é produz

A autora estuda com Varela o conceito de enação para conceituar a coemergência do sujeito e do mundo. A corporificação do conhecimento inclui acoplamentos sociais, linguísticos, psicológicos e culturais, o que significa que o corpo não é apenas uma entidade biológica, mas é capaz de inventar mundos. Kastrup acredita que podemos avançar pela experiência para pensar nos efeitos de um meio social complexo sobre a cognição humana; conecta o pensamento do cientista com o de Deleuze e Guattari, que entendem a aprendizagem como acoplamento direto, como agenciamento maquínico, sem mediação da representação. As experiências que revelam uma intuição cognitiva trazem um estranhamento e não apenas reconhecimento. O entendimento que o agenciamento se faz no nível coletivo de multiplicidades abre a possibilidade efetiva de pensar uma cognição híbrida de natureza e artifício, de indivíduo e sociedade. As redes informáticas nos fornecem um meio de mudar, fazendo a cognição diferir de si mesma e criar num mesmo movimento, novos territórios existenciais.

Kastrup insiste que se trata, por fim, de uma tomada de posição política no enfrentamento da manutenção de formas de existência estabelecidas e de desqualificação da invenção e da diferença. O esforço renovado é necessário porque o funcionamento divergente e bifurcante não assegura formas cognitivas inventivas. A discussão da aprendizagem como invenção de problemas não pode se esgotar na participação ou não da inteligência. Para enfrentarmos os problemas de aprendizagem e das políticas da cognição é preciso produzir soluções, sem abandonarmos a experimentação com a prudente coragem de buscarmos saídas, linhas de fuga, novas formas de ação e práticas cujos efeitos devem ser sempre avaliados e reavaliados.



Referência

KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo:** uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Autêntica: Belo Horizonte, 2007.